



FACULDADE DE TECNOLOGIA, CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO

Graduação

GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA

Transtorno Opositor Desafiador (TOD) no Ambiente Escolar

Suelen Fernandes da Silva
Camila S. C. A. de M. Herculian (Orientadora)

RESUMO

O Transtorno Opositor Desafiador (TOD) é um transtorno neuropsíquico de comportamento destrutível, com apresentação de comportamentos que fazem mal a própria criança e aos outros com ela convivem. Em sua grande maioria, as crianças com TOD, apresentam um padrão negativista, desobediente e de desafio com pessoas de autoridade, como professores e responsáveis, resultando em inúmeros aspectos negativos no que se refere ao desenvolvimento e aprendizagem das crianças. Através de revisão bibliográfica esse estudo traz o enfrentamento do TOD no ambiente escolar e tem como objetivo geral a necessidade de se compreender de que forma o TOD pode ser enfrentado pelos responsáveis dentro do ambiente escolar, o que, conseqüentemente, contribui de forma direta para a melhora na qualidade da aprendizagem dos alunos. Também mostra através de seus objetivos específicos os distúrbios de conduta humana; aspectos gerais do TOD; presença do TOD na infância e adolescência; descreve como ocorre a presença de TOD na infância e adolescência e faz uma reflexão sobre como o TOD pode prejudicar a aprendizagem dos alunos. É de suma importância que a identificação do TOD seja realizada o quanto antes e que o tratamento se inicie logo após o diagnóstico, para que escola e família já sejam orientados e saibam como lidar com a criança e para que essa tenha um desenvolvimento, no ambiente escolar e espaços sociais, de maneira ampla e assertiva, construindo todos os instrumentos necessários para a sua formação como sujeito social.

Palavras-chave: Aluno Opositor; Comportamento Opositor; Transtorno Opositor Desafiador; TOD e a Educação.

ABSTRACT

Oppositional Defiant Disorder (ODD) is a neuropsychic disorder with destructible behavior, with the presentation of interpretations that do harm to the child and others living with it. Most of them, as children with ODD, present a negative, disobedient pattern and challenge people with authority, such as teachers and guardians, resulting in significant numbers that do not refer to the development and learning of children. Through the bibliographic review, this study brings or faces TOD in the school environment and has as a general objective the need to understand which way or TOD can be faced by employees within the school environment, that is, consequently, uses it directly for a improvement in the quality of student learning. It also shows through its specified objectives the disturbances of human conduct; general aspects of TOD; TOD's presence in childhood and adolescence; describe how TOD occurs in childhood and adolescence and reflect on how TOD can impair students' learning. It is important that the identification of TOD is carried out as soon as possible and that treatment will be started soon after the diagnosis, for the school and the family already oriented and know how to deal with a child and and for those who have a development, in the school environment and social spaces, in a broad and assertive manner, building all the necessary instruments for his formation as a social subject.

Keywords: Opposing Student. Opposing Behavior. Oppositional Defiant Disorder. ODD and Education.

Introdução

De maneira geral, os seres humanos, dentro da sua composição, é um ser dotado de relações desde o seu nascimento, demandando, assim, uma série de aspectos que fazem parte do seu desenvolvimento afetivo e psicológico, como carinho, cuidado e atenção (SOUZA, 2012).

Partindo desse pressuposto, entende-se que para a sua sobrevivência, os seres humanos precisam aprender uma série de fatores importantes, como a comunicação ou linguagem, convivência social e cultural, aprendizagem de comportamento, reconhecimento da realidade em que vive, limites e possibilidades, entre outros elementos que permitem a sua inserção em sociedade (SOUZA, 2012).

No entanto, nem sempre o indivíduo, principalmente na infância, consegue se desenvolver de forma saudável, principalmente dentro do ambiente escolar e em relação ao processo de ensino-aprendizagem. Além da predisposição para enfermidades, Farias *et. al.*, (2011) pontuam que existem diversas outras causas que pode provocar nas crianças o sofrimento de uma série de problemas que impedirão a sua convivência e aprendizagem plenas, principalmente o Transtorno Opositor Desafiador (TOD).

O TOD é reconhecido como um transtorno neuropsíquico de comportamento destrutivo, que se refere à apresentação de comportamentos que fazem mal não somente para a criança em si, mas também para todos que fazem parte da comunidade em que convive, afetando a aprendizagem e o relacionamento com pais, professores e colegas (ARAUJO; LOTUFO NETO, 2014).

Como características principais, o TOD é reconhecido como a presença de comportamento negativista, desobediente e hostil com todas as pessoas que se apresentam como autoridades, além da incapacidade de o indivíduo assumir as responsabilidades pelos erros cometidos, colocando, assim, a culpa em outras pessoas, aspectos que estão diretamente ligados à dificuldade de aprendizagem dentro do ambiente escolar (FARIAS *et. al.*, 2011).

Dessa forma, esse estudo traz, como objetivo geral, a necessidade de se compreender de que forma o TOD pode ser enfrentado pelos responsáveis dentro do ambiente escolar, o que, conseqüentemente, contribui de forma direta para a melhora na qualidade da aprendizagem dos alunos. Para tanto, no campo dos objetivos específicos, buscou-se os seguintes aspectos: discorrer sobre os distúrbios de conduta humana; descrever os aspectos gerais do TOD; identificar a presença de TOD na infância e na adolescência; descrever como ocorre a presença de TOD dentro das escolas; e refletir sobre como o TOD pode prejudicar a aprendizagem dos alunos.

A metodologia utilizada para o desenvolvimento desse estudo é a revisão de literatura mediante pesquisa bibliográfica, utilizando as contribuições de diversos estudiosos sobre o tema. As pesquisas tiveram como base o período dos últimos 10 anos, além dos descritores: Transtorno Opositor Desafiador; TOD nas escolas; TOD e aprendizagem.

1 Transtorno Opositor Desafiador

O Transtorno Opositor Desafiador (TOD) é entendido como um distúrbio de esfera psicossocial que apresenta, nos sujeitos, um comportamento pautado de maneira sucinta pela agressividade e pelos impulsos destruidor, verbal ou físico tanto contra outras pessoas como em si próprio (RELVAS, 2010).

Complementando essa afirmação, o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM), pontua que esse comportamento opositor é uma característica recorrente em determinados estágios do desenvolvimento de um

indivíduo, principalmente na infância e adolescência, sendo, em sua grande maioria, associado a diversos tipos de adversidades psicológicas, tais como o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade, Transtorno Psicótico, Transtorno de Conduta, entre outros (DSM IV, 2000).

A característica essencial do Transtorno Desafiador Opositor é descrita como um padrão recorrente de comportamento negativista, desafiador, desobediente e hostil para com figuras de autoridade, que persiste por, pelo menos, seis meses (DSM IV, 2000, p. 12).

Ainda acerca da definição de TOD, a literatura aponta que ele é um transtorno de conduta que se manifesta em crianças jovens, caracterizado por um comportamento de esfera provocadora e perturbadora, se apresentando com um padrão persistente de comportamento hostil nas interações sociais delas com outras crianças e, também, com adultos, como os familiares e professores (AGOSTINI; SANTOS, 2017; TEIXEIRA, 2014).

Em seus estudos, Teixeira (2014) pontua que o TOD também pode ser facilmente observado no ambiente escolar mediante percepção dos relacionamentos das crianças com os colegas, haja vista as características hostis que o transtorno provoca no comportamento. Além disso, sendo um transtorno que impacta diretamente nas relações sociais em crianças em idade pré-escolar, pode ser observado mediante a apresentação de um comportamento raivoso e irritável, inclusive de índole vingativa.

Para Araújo (2016), inúmeros outros tipos de comportamentos que configuram o TOD também podem ser facilmente analisados nas crianças, principalmente os que se inserem no sentido de agir de forma contrária ao que foi solicitado ou que se espera dentro da normalidade. As crianças com esse distúrbio, nesse contexto, se apresentam frequentemente irritadiças, rancorosas, se aborrecem com facilidade, possuem certo descontrole emocional e teimosia persistente, desafiando as regras impostas por adultos e com tendência exacerbada de discutir com eles, perturbando o convívio social entre os colegas.

Nesse contexto, ressalta-se que o comportamento opositor é pautado na intenção de testar os limites impostos pelos adultos, haja vista que a criança com TOD não reconhece a culpabilidade e a hostilidade dos seus atos, que costumam ser contextualizados pela prática constante da agressão verbal (SOUZA, 2012).

No que se refere ao comportamento negativista e agressivo, Santana (2016) aponta que ele pode variar de acordo com as características observadas em cada família, se manifestando não somente de forma ativa, mas, também, por meio de comportamento oposto, como apatia, silêncio e omissão.

De maneira geral, evidencia-se que todas as características do TOD podem comprometer e provocar impactos significativos na vida das crianças, provocando cenários diversos, como baixa tolerâncias às frustrações, baixa autoestima, quadro de humor deprimido, impulsividade exagerada, agressividade e, principalmente, rejeição no aspecto das relações sociais (FARIAS et. al., 2011; RELVAS, 2010).

Outro fator importante apontado por Araújo e Araújo (2017), é que quando esse tipo de comportamento é comum na infância, ou seja, quando a criança nunca cede e está sempre se recusando a entrar em um acordo com as pessoas que a rodeiam, a família precisa efetivar todas as ações necessárias para que o diagnóstico seja feito e, assim, os prejuízos ao desenvolvimento e relações sociais dela sejam controlados de forma eficaz e eficiente.

Frente ao exposto, dada as características principais que o TOD provoca nas crianças, causando adversidades em sua vivência social, é de extrema relevância compreender os principais aspectos que cerceiam a conduta humana, aspectos esse essencial para um entendimento mais assertivo sobre como esse transtorno pode ser controlado, principalmente no ambiente escolar, conforme será abordado no decorrer desse trabalho.

1.1 Breves Considerações sobre os Distúrbios de Conduta Humana

De maneira geral, parte-se da premissa que, para a criança obter uma boa formação como ser humano, é importante que ela tenha um acolhimento familiar, que lhe ensine o básico para a vivência em sociedade. Além disso, é importante que a criança tenha uma família que a apoie, dê segurança e permita um crescimento permeado pelo aprendizado e pelas relações interpessoais.

Complementando essa afirmação, Araújo e Araújo (2017) pontuam que algumas adversidades, como os distúrbios da esfera da conduta, podem trazer prejuízos e dificultar o desenvolvimento da criança tanto com seus amigos como com seus familiares, como o caso do Transtorno Opositor Desafiador.

Sendo uma característica própria do ser humano, as relações sociais e interpessoais estão enraizadas em sua essência, o que permite que as pessoas consigam incorporar normas e valores de conduta para exercerem seus direitos e deveres em sociedade. Nesse contexto, entende-se que o ser humano possui uma relação direta com tudo aquilo que o rodeia, seja com as outras pessoas ou com o meio em que ele está inserido (SAVOIA, 2009).

Partindo desse contexto, entende-se que os seres humanos, por toda a sua vida, influenciam e são influenciados pelas relações que mantêm, o que pode provocar mudanças de forma contínua. Assim, os indivíduos, dentro do seu contexto social, dependem das relações com os amigos, familiares e demais aspectos da vida social para se transformarem em cidadãos plenos e aptos para viver em sociedade (PAULO; RONDINA, 2010).

Dito isso, entende-se que a vida das pessoas está interligada a de muitas outras, ainda que não exista um contato direto, como as que efetivam processos de plantação e colheita de alimentos agrícolas, as que transportam materiais e alimentos de uma cidade para a outras, as que desenvolvem instrumentos que são utilizados no dia a dia, entre outros (CAMARGO et. al., 2008).

Nesse contexto, Souza (2012) diz que toda pessoa depende da interação com a outra para se manter viva e para obter todos os instrumentos necessários para a sua sobrevivência, o que gera, conseqüentemente, relações sociais e a demanda do cumprimento de regras e valores para o bom convívio.

Na infância, a criança nasce, cresce e vive em grupos sociais com seus familiares e pares, necessitando de cuidado, proteção e demais aspectos, haja vista que ela não consegue sobreviver sozinha. Assim, ela precisa de alguém que ensine as normas de convivência com as demais pessoas e os limites existentes nas relações, como o respeito ao meio ambiente, uso de bens de forma consciência etc.

Dessa forma, pontua-se que:

O processo de socialização dos seres humanos consiste em uma aprendizagem social, através da qual aprendemos comportamentos sociais considerados adequados ou não e que motivam os membros da própria sociedade a nos elogiar ou a nos punir (SAVOIA, 2009, p. 55).

Entende-se, segundo Silva (2017), que é comum as pessoas mais velhas ensinarem e educarem as crianças acerca das regras e valores morais para a vivencia

em sociedade ou em determinado grupo social, como a família, visando que as relações sejam pautadas mediante a transmissão de valores culturais, costumes, brincadeiras, idioma e outros conteúdos importantes.

Quando as crianças não conseguem assimilar esses ensinamentos, entende-se que os problemas advindos pelo descumprimento das regras e valores são denominados de distúrbio de conduta, gerando problemas de inúmeras esferas, tais como agressão, violência, desafiantes, violação das regras, deveres e demais normas sociais, principalmente o TOD (SAVOIA, 2009).

Partindo desse contexto, tendo como enfoque a compreensão acerca da ocorrência do transtorno opositor desafiador no ambiente escolar, o próximo item aborda os principais aspectos acerca do transtorno em crianças e adolescentes de forma mais aprofundada.

2 TOD na Infância e na Adolescência

Conforme apontado no decorrer desse estudo, toda criança possui uma fase de rebeldia e de enfrentamento às normas impostas pelos adultos ou pessoas de autoridade, o que é comum e faz parte do desenvolvimento dela. Entretanto, esse período costuma ser passageiro, variando de acordo com o amadurecimento da pessoa, ou seja, vai se moldando ao crescimento da criança ou adolescente.

Dentro desse contexto, ressalta-se que, quando a fase de rebeldia ou aversão as regras persistem e acompanham a criança por um longo tempo, é caracterizada como um distúrbio de conduta, o que resulta na dificuldade de a idade ou o tempo amenizarem os sintomas desse mesmo período (PAULO; RONDINA, 2010).

No caso do Transtorno Opositor Desafiador em crianças e adolescentes, dada as suas características, evidencia-se que ele pode ser contextualizado por meio da discussão ou do ato de desafiar os adultos que os jovens possuem, negando-se a obedecer ou seguir determinadas regras e normas. Além disso, apresentam um comportamento de incômodo e perturbação às demais pessoas, dificultam as relações interpessoais, não se aproximam dos seus pares ou adultos da convivência e nunca assumem os seus erros, responsabilizando outras pessoas por eles (SAVOIA, 2009)

Além desses aspectos, uma criança ou um jovem com TOD tem como característica a tentativa de agredir seus familiares, o que pode ser entendido como um comportamento oposto ao que se espera dele. Esse tipo de comportamento causa

dor e sofrimentos aos seus responsáveis e familiares, conforme apontamentos a seguir:

O conjunto de atitudes de agressão que podem aparecer em casos de TOD é vastíssimo e pode variar de acordo com as características de cada família. O comportamento pode se manifestar não apenas sob a forma de atitude ativa no sentido de agredir, mas, também, através de comportamentos como o silêncio, a omissão, a apatia, o emudecimento, o não fazer nada e assim por diante. (PAULO; RONDINA, 2010, p. 2).

Complementando esse apontamento, entende-se que as crianças e os adolescentes também podem apresentar, no contexto do TOD, características diversas, tais como agressividade, apatia, omissão, e varia de acordo com o ambiente onde ela vive, assim como das pessoas que fazem parte da sua convivência (CAMARGO *et al.*, 2008).

Dentro desse contexto, segundo Savoia (2009), entende-se que o Transtorno Opositor Desafiador assume uma posição mais complexa no que se refere ao diagnóstico, pois ele é um transtorno reconhecido, em sua grande maioria, pela apresentação de características agressivas e não passivas.

Assim, entende-se que:

Em indivíduos com TDO, a percepção de seu próprio comportamento em geral é contraditória com a realidade, e normalmente afirmam que os comportamentos desafiadores opositores são resultado de exigências e eventos absurdos colocados para ele (CAMARGO *et. al.*, 2008, p. 34).

Outro fator relevante é que, quando as famílias possuem bases menos estruturadas ou com rigidez exacerbada, eleva-se a probabilidade de ter filhos com TOD, além de ser mais comum quando um dos pais apresentaram algum tipo de transtorno na infância (TEIXEIRA, 2014).

Consonante ao que foi apontado anteriormente, ressalta-se que as crianças e os adolescentes precisam ser educados com afeto e firmeza, para que se sintam seguras frente aos responsáveis pela sua educação. Além disso, o carinho passa a ser a base da conduta deles não somente na infância ou adolescência, mas também na fase adulta, contribuindo para a inserção e vivência em sociedade.

3 Aprendizagem dos Sujeitos Opositores

Sem pretender esgotar o assunto, para compreender como ocorre o processo de aprendizagem dos alunos com TOD, faz-se necessário, primeiramente, elencar as principais considerações sobre como ocorre esse aspecto em si dentro de um contexto geral.

Partindo desse pressuposto, entende-se que a aprendizagem é um processo pautado em diversas esferas, tais como endógena, mediante desejo constante de aprender; biológica, haja vista quem aprende é o cérebro, ou seja, o organismo, e emocional, pois por meio da aprendizagem o indivíduo consegue construir e desenvolver sua formação como sujeito social (TEIXEIRA, 2014).

Ainda sobre o contexto da aprendizagem, Piaget (2011) diz que ela se refere ao equilíbrio do organismo entre o ato de assimilar, acomodar, adaptar e conservar o conteúdo novo para sua utilização da prática, o que, de certa forma, acaba moldando o comportamento das pessoas frente às situações que fazem parte do cotidiano.

Nesse cenário, compreende-se que, de acordo com Luiselli (2015), quando há adversidades ou dificuldades no processo de aprendizagem, conseqüentemente o déficit pode estar em umas das esferas que cerceiam a aquisição das informações, tais como a entrada, a forma ou a saída, fator que demanda uma maior investigação e análise por parte dos profissionais, principalmente os que atuam na esfera educacional ou psicopedagógica.

Dito isso, evidencia-se, também, que a aprendizagem possui processos que variam de acordo com a linguagem que permite um envolvimento emocional, perpassando ou partindo diretamente de uma ação, que visa transformar um estado em outro. Nesse contexto, percebe-se que a aprendizagem modifica um indivíduo, preparando-o para inúmeras outras vivências e condições (DIAS, 2012; ARAUJO; LOTUFO NETO, 2014).

No caso dos alunos opositores, Serra-Pinheiro et. al. (2014) dizem que a aprendizagem é pautada, em sua grande maioria, em uma única esfera, a da emoção, desconsiderando os aspectos biológicos e orgânicos que fazem parte e permitem que a aprendizagem ocorra de forma ampla e assertiva. No entanto, dada as especificidades no transtorno, principalmente pela impulsividade e agressividade, o campo emocional da aprendizagem acaba sendo ineficaz, o que provoca impactos negativos no contexto da construção do conhecimento por esses sujeitos.

Para o aluno com transtorno desafiador, o processo de aprendizagem é reconhecido como um elemento mais difícil e complexo do que é para os alunos

considerados como normais, justamente por causa da inquietação e dificuldade de concentração, o que impede o aluno de conseguir fixar a atenção para o assunto que está sendo abordado (BARBOSA, 2017).

Sabendo que a inteligência e a construção do conhecimento estão diretamente ligadas às emoções que as informações proporcionam para eles, como empatia ou apatia, o processo de aprendizagem também passa pelo organismo, pela experiência, pela atenção, pelo afeto e por outros reflexos do âmbito neuropsicológico, pois é o cérebro quem de fato aprende (DIAS, 2012).

Consonante a esse apontamento, Relvas (2010, p. 125) pontua que:

A aprendizagem pode ser considerada como um compromisso essencialmente emocional. Cabe ao ensino o compromisso com a motivação, estimulação e orientação da aprendizagem. Não se pode ensinar a quem não quer aprender, a quem não se encontra disponível para as incertezas e a busca de conhecimento.

É importante ressaltar que, em determinados momentos da vida, é comum a criança apresentar algum tipo de dificuldade no processo da aprendizagem por causa de problemas emocionais que ocorrem no ambiente familiar ou em outros cenários da sua vivência social, o que provoca falta de motivação ou baixa autoestima.

No que se refere aos alunos com TOD, pontua-se que dada às dificuldades de concentração característica do transtorno, mais os fatores externos que podem dificultar a aprendizagem, entende-se que o desempenho deles fica seriamente comprometido porque ações comuns e do dia a dia de uma rotina escolar são comprometidos, como atividades em grupos, aceitação das orientações dos professores, entre outros (LUISELLI, 2015).

Entretanto, para que esse cenário seja modificado, é relevante que o ambiente estimule e motive a criança no contexto da aprendizagem, despertando o interesse dela por novos conhecimentos. Assim, a escola e os profissionais da Educação precisam promover todos os instrumentos necessários para que os alunos, principalmente com TOD, se sintam desafiados, interessados e motivados para aprender (AGOSTINI; SANTOS, 2017).

Dessa forma, no contexto do comportamentopositor, Dias (2012) diz que é possível, por meio de estratégias concretas, resgatar o desejo de aprender dos alunos, como a utilização de experiências que possuam significados para eles, elogios, oferecimento de estímulos, recompensa, atenção individual, entre outros.

Assim sendo, mediante compreensão de como ocorre a aprendizagem dos alunos com TOD, faz-se necessário elencar as principais considerações acerca da ocorrência do transtorno dentro do contexto escolar, conforme será abordado na próxima seção.

3.1 Aluno com TOD nas Escolas

Sendo reconhecida como uma das principais preocupações das crianças e dos adolescentes por causa do estudo, a escola faz parte da vivência e da responsabilidade deles, exigindo a adequação comportamental para o respeito às regras e normas que direcionam o bem-estar de todos os alunos dentro de um mesmo espaço e período de tempo.

Dessa forma, compreende-se que é no ambiente escolar que os alunos passam boa parte do seu dia, desenvolvendo atividades, estudando e se envolvendo com as atividades que serão feitas em casa, o que permite a construção de laços afetivos com os educadores, colegas de sala e demais profissionais da Educação (BARBOSA, 2017).

Além disso, Dias (2012) pontua que a escola é reconhecida como o local onde o aluno aprende não somente conhecimentos e saberes acerca das inúmeras ciências estudadas, mas, também, a como se socializar dentro do contexto da comunidade e da percepção do bem-estar coletivo.

Nesse cenário, entende-se que existem inúmeros aspectos que podem dificultar o desempenho e rendimento escolar dos alunos, influenciando negativamente a aprendizagem e, também o relacionamento deles com o grupo escolar dentro de sua totalidade.

Dito isso, ao compreender as características do TOD no comportamento dos sujeitos, principalmente enquanto aluno dentro do ambiente escolar, supõe-se que as dificuldades dele em manter uma vida escolar equilibrada estão diretamente ligadas ao transtorno, impedindo, inclusive, a construção das relações interpessoais entre ele e os colegas (SERRA-PINHEIRO et. al, 2014).

Complementando essa afirmação, Barbosa (2017, p. 167) diz que:

Cumpramos ressaltar a importância de a equipe pedagógica pensar em estratégias que dinamizar essa fragilidade na escola, pois é essencial que a formação que a escola possibilita aos indivíduos e, se esse aluno permanecer com esse comportamento, irá afetar sua formação. Por isso, a escola e os professores devem se empenhar em

proporcionar práticas que contribuirão para o aluno incluindo-o, pois muitas vezes ele pode se sentir excluído.

Além desses fatores, ressalta-se que a escola, por se um lugar onde os alunos aprendem inúmeros aspectos que serão relevantes para a sua formação como sujeito social, precisa adotar todos os instrumentos necessários para que as demandas de aprendizagem sejam atendidas, favorecendo a construção do conhecimento não somente na infância, mas por toda a vivencia escolar, inclusive na fase adulta (LUISELLI, 2015).

Dito isso, pontua-se que, no ambiente escolar, um aluno com comportamento desafiador apresenta características que são comuns ao transtorno, tais como discussão com professores e colegas; não cumprimento ou aceitação de ordens, desafio constante da autoridade dos educadores e demais profissionais que atuam na escola, perturba outros alunos, entre outros aspectos.

Fazendo o contrário do que se espera ou das diretrizes recebidas, o aluno com TOD demanda de ações assertivas e pedagógicas específicas para que a aprendizagem e o comportamento dele sejam readequados, visando, assim, agregar efeitos positivos. Nesse sentido, Luiselli (2015, p. 212) pontua que as adversidades de conduta nesses alunos são amplamente observadas no espaço escolar, também, devido aos seguintes aspectos:

A criança ou adolescente com problemas de conduta também atravessam muitas dificuldades no ambiente escolar, em razão tanto das manifestações clínicas do transtorno quanto dos sentimentos que mobilizam nos colegas e professores. A criança resiste em frequentar a escola, tem manifestações agressivas verbais ou físicas para com os colegas e professores, desobedece muito, destrói objetos e apresenta condutas explosivas. Seu comportamento cria muitas dificuldades de convivência, pelo clima que gera na sala de aula e no próprio processo de ensino e aprendizagem da turma.

Frente ao exposto, entende-se que o aluno com TOD não consegue permanecer em sala de aula e na companhia dos seus colegas, o que afeta diretamente na aquisição de uma aprendizagem qualitativa e satisfatória, o que demanda um preparo constante tanto da escola como dos educadores no que se refere à realização de um trabalho pedagógico eficiente e condizente com as características comportamentais que o transtorno provoca no sujeito.

Dito isso, compreende-se que a intervenção da escola e dos educadores são extremamente importantes para o tratamento do transtorno opositor juntamente com os familiares dos alunos. Nesse cenário, Teixeira (2014) diz que é por meio desses instrumentos que são trabalhados com os alunos técnicas comportamentais para que ocorra a promoção e o estímulo para a aquisição de um novo comportamento, desencorajando, assim, atitudes permeadas pelo desrespeito, agressão e demais práticas negativistas.

Ainda dentro do contexto do papel da escola no enfrentamento do Transtorno Opositor Desafiador, Dias (2012) pontua que é importante e necessário que os professores, diretores e demais funcionários tenham todas as informações e orientações necessárias para que eles saibam lidar com o aluno opositor, objetivando, assim, a readequação comportamento dele.

Além disso, elenca-se, também, que esse preparo pode ser realizado por meio de programas e práticas pedagógicas específicas e direcionadas para todos os profissionais que terão contato direto com o aluno opositor, preparando-os para que sejam tomadas ações eficazes em prol do desenvolvimento e da aprendizagem desse mesmo aluno (ARAUJO; LOTUFO NETO, 2014).

A escola também precisa assumir o papel colaborativo em prol das famílias, responsáveis e comunidade, haja vista que eles também são instrumentos importantes para o tratamento dos alunos opositores. Sobre isso, Paulo e Rondina (2010) dizem que a formação de uma equipe multidisciplinar contribui para que os familiares também consigam adequar o comportamento desses alunos dentro dos seus lares, assim como dar continuidade às atividades quando eles estiverem fora do ambiente escolar.

Nesse contexto, Teixeira (2014) diz que a comunicação entre escola, pais e educadores permite a identificação e o monitoramento constante do comportamento do aluno opositor, trazendo informações relevantes para que, em conjunto, sejam formuladas estratégias e soluções para o comportamento e a indisciplina do estudante, seja em casa, seja no ambiente escolar.

Estando diretamente ligado aos problemas de conduta, o TOD, quando não tratado, pode evoluir para um quadro mais severo, impedindo o aluno, como sujeito, de usufruir de uma ampla vivência em sociedade. Dito isso, entende-se que o diagnóstico precoce e as ações de tratamento assumem um papel estratégico e

importante para a prevenção de impactos mais severos na vida dos alunos (ARAUJO; ARAUJO, 2017).

Dessa forma, compreende-se que para a melhora e a adequação comportamental dos alunos com TOD, a união e parceria entre família e escola faz-se essencial e fundamental para que sejam realizadas ações positivas para não somente o comportamento do aluno, mas também para a aprendizagem e aumento do desempenho escolar dele, fator esse que trará inúmeros resultados positivos para a vida adulta e inserção social.

Considerações Finais

De acordo com as pesquisas que foram realizadas para o desenvolvimento desse artigo, observou-se que, dentre os inúmeros fatores que podem prejudicar o desempenho e aprendizagem dos alunos no ambiente escolar, os transtornos psicológicos assumem uma posição de destaque, haja vista que eles alteram o comportamento dos alunos dentro de um parâmetro mais amplo, como é o caso do Transtorno Opositor Desafiador (TOD).

Nesse cenário, ressaltou-se que, no campo escolar, os alunos com TOD apresentam, dentro do comportamento agressivo característico do transtorno, um quadro de provocação e perturbação dos colegas e educadores, o que prejudica de forma direta o desempenho, desenvolvimento e rendimento escolar dos alunos.

Além disso, como esse tipo de transtorno ocorre logo na infância e na adolescência, entendeu-se que ele pode ser contextualizado por meio da discussão ou do ato de desafiar os adultos que os jovens possuem, negando-se a obedecer ou seguir determinadas regras e normas, o que pode provocar impactos negativos no contexto da conduta humana.

Evitando que o TOD se transforme em distúrbios de conduta humana, que impeça a construção de relacionamentos interpessoais e prejudique a vivência em sociedade do sujeito em sua fase adulta, pontuou-se que é de extrema importância que ocorra um diagnóstico e tratamento precoce para a redução dos impactos comportamentais negativos que o transtorno provoca nos indivíduos.

Assim, como o quadro pode ser amplamente observado dentro do contexto escolar, a escola assume um papel estratégico para o diagnóstico e, principalmente, para o estabelecimento de estratégias para que o comportamento dos alunos com

TOD seja modificado e, conseqüentemente, a aprendizagem possa ocorrer de forma assertiva e eficaz.

No contexto da aprendizagem dos alunos com TOD, observou-se, também que o transtorno afeta a concentração e a atenção, o que impede que eles consigam entender e compreender as orientações dos professores sobre determinado conteúdo. Dito isso, por eles não conseguirem fixar o conhecimento, acabam se dispersando e, dado o transtorno, apresentando um comportamento que prejudica os demais colegas, o que pode levar a ocorrer a evasão da sala de aula.

Dessa forma, pontuou-se que, dada às dificuldades do processo de aprendizagem para os alunos desafiadores, é importante que a escola, em parceria com as famílias e responsáveis, forneça todos os instrumentos necessários, inclusive para os educadores, para que sejam formuladas ações estratégicas para reversão do quadro e, assim, evitar que se transforme em um problema de conduta mais sério.

Dito isso, concluiu-se que é de extrema importância que a escola, assim como com seus demais profissionais, atuem de forma assertiva para a redução do comportamento negativo que os alunos com TOD apresentam, haja vista que essa modificação permitirá que eles tenham uma aprendizagem mais qualitativa e, principalmente, que consigam se tornar aptos para a vivência em sociedade, assumindo seu papel como sujeito social que são.

Referências

AGOSTINI, V. L. M. L.; SANTOS, W. D. V. dos. Transtorno Desafiador de Oposição e suas Comorbidades: um desafio da infância à adolescência. **Psicologia PT**. 2017. Disponível em: <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1175.pdf>. Acesso em: 28 mar. 2020.

ARAÚJO. A. C.; LOTUFO NETO, F. A nova classificação Americana para os Transtornos Mentais - o DSM-5. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, 2016. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-55452014000100007. Acesso em: 20 mar. 2020.

ARAÚJO, F. Z.; ARAUJO, M. P. M. A criança com Transtorno Opositivo Desafiador nas aulas de Educação Física: pressupostos inclusivos. **Linguagens, Educação e Sociedade**. ano 22, n. 37, 2017. Disponível em: <https://revistas.ufpi.br/index.php/lingedusoc/article/view/7583>. Acesso em: 22 mar. 2020.

BARBOSA. A. P. *et. al.* Transtorno Desafiador Opositivo: desafios e

possibilidades. **Educação**, Batatais. v. 7, n. 2, p. 151-171, 2017. Disponível em <https://intranet.redeclaretiano.edu.br/download?caminho=/upload/cms/revista/sumarios/566.pdf&arquivo=sumario9.pdf>. Acesso em: 08 maio 2020.

CAMARGO, C. H. P. et. al. **Neuropsicologia**: teoria e prática. Porto Alegre: ARTMED, 2008.

DIAS, L. C. D. **Considerações acerca do transtorno de conduta**. 2012. 19 f. Monografia (especialização em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/49109/000828783.pdf?sequence=1>. Acesso em: 22 abr. 2020.

DSM IV. **Mini International Neuropsychiatric Interview. DSM IV**. Tradução para o Português de P. Amorim. 2000. Disponível em: www.cosemssp.org.br/downloads/Cursos/Saude-Mental-DSM-07-03.pdf. Acesso em 12 abr. 2020.

FARIAS, C. S. et. al. **Transtorno de Conduta na Infância**. UNIJALES. 2011. Disponível em: <https://www.unijales.edu.br/eiejoufiles/download/id:52>. Acesso em: 18 mar. 2020.

LUISELLI, J. K. Características clínicas e tratamento do transtorno desafiador de oposição. In : V. E. Caballo e M. Simon (Orgs.). **Manual de psicologia clínica infantil e do adolescente**: Transtornos específicos. 2. ed. São Paulo: Santos, 2015, p. 168 – 177.

PAULO, M. M.; RONDINA, R. C. Os principais fatores que contribuem para o aparecimento e evolução do transtorno desafiador opositor (TDO). 2010. **Revista Científica Eletrônica de Psicologia**. Ano VIII., n. 14. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/115154>. Acesso em: 28 abr. 2020.

RELVAS, M. P. **Neurociência e transtornos de aprendizagem**: as múltiplas eficiências para uma educação inclusiva. 4. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2010.

PIAGET, J. **Seis estudos de Psicologia**. Trad. Maria Alice Magalhães e Paulo Lima. 24. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2011.

SANTANA, L. M. B. **Transtorno de Oposição Desafiante**: uma análise a partir da Terapia Analítico Comportamental Infantil. Monografia (Título de especialização em Terapia Analítico-Comportamental Infantil) - Instituto Brasiliense de Análise do Comportamento – IBAC. 2016. Disponível em: https://ibac.com.br/wp-content/uploads/2018/02/monografia_taci_ludymila_de_moura_borges.pdf. Acesso em: 17 mar. 2020.

SAVOIA, M. G. **Psicologia social**. 11. ed. São Paulo: McGraw-Hill, 2009.

SERRA-PINHEIRO, M. A. *et al.* Transtorno desafiador de oposição: uma revisão de correlatos neurobiológicos e ambientais, comorbidades, tratamento e prognóstico.

Rev. Bras. Psiquiatr. v. 26, n. 04, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbp/v26n4/a13v26n4.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2020.

SILVA, T. C. G. da. **Transtorno Opositor Desafiador:** como enfrentar o TOD na escola. 2017. 48f. Monografia (Especialização em Educação Especial e Inclusiva) - Instituto A Vez dos Mestre, Universidade Cândido Mendes, Rio de Janeiro. Disponível em: https://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/posdistancia/53309.pdf Acesso em: 16 mar. 2020.

SOUZA, N. V. **Transtorno Opositor Desafiador:** reflexões a respeito deste desafio. 2012. 32f. Monografia (Especialização em Psicopedagogia) – AVM Faculdade Integrada, Universidade Candido Mendes, Rio de Janeiro. Disponível em: https://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/N204897.pdf. Acesso em: 16 mar. 2020.

TEIXEIRA, G. **O Rezinho da Casa:** manual para pais de crianças opositoras, desafiadoras e desobediente. Rio de Janeiro: Best Seller, 2014.